



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE FILOSOFIA

GABRIEL VIVIANI TAGLIACOZZI

A CONSCIÊNCIA NAS OBRAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Uberlândia

2019

GABRIEL VIVIANI TAGLIACOZZI

**A CONSCIÊNCIA NAS
OBRAS DE FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. José Benedito de

Almeida Júnior

Uberlândia

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Viviani Tagliacozzi, Gabriel.

A CONSCIÊNCIA NAS OBRAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI.
Uberlândia-MG, 2019.

41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Filosofia
Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior

GABRIEL VIVIANI TAGLIACOZZI

A CONSCIÊNCIA NAS OBRAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Área de concentração: Ciências

Humanas Orientador: Prof. Dr. José

Benedito de Almeida Júnior

Uberlândia, 1 de dezembro 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior

Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido

AGRADECIMENTOS

Cabe aqui de ampla importância, meus agradecimentos às pessoas que proporcionaram com grande apreço minha conclusão nesse trabalho, tanto na forma material quanto na sentimental, que ao meu ver é de maior valor. Aos meus pais, Remo Tagliacozzi júnior e Andréia Aparecida Viviani Tagliacozzi. À minha irmã, Laura Viviani Tagliacozzi. À minha namorada, Ana Paula Gonçalves Calçado. Aos meus avós paternos, Remo Tagliacozzi e Maria Canosa Tagliacozzi. Às minhas tias, Gracia Tagliacozzi e Raquel Tagliacozzi. Ao meu amigo, Pedro Marques Cintra. Aos meus professores, José Benedito de Almeida Júnior e Humberto Aparecido de Oliveira Guido. Sem vocês este trabalho não seria possível.

RESUMO

Encontra-se no início do projeto na forma de crônica, meu encontro com Fiódor Dostoiévski e todo o processo que motivou este estudo, com objetivo de transpassar para o leitor através da literatura, parte do meu sentimento em relação ao autor russo. Em seguida, no primeiro ensaio, dou início à análise teórica sobre o impulso do homem e sua atitude referente a matar Deus para se tornar um novo Deus, movido pela obra Crime e Castigo juntamente as reflexões filosóficas de Nietzsche, em seus livros o anticristo e Aurora. Ao finalizar o ensaio preceptor, tem-se o segundo estritamente relacionado ao primeiro, como forma de demonstrar os problemas da consciência em relação à atitude mortificante de assassinar a figura divina. Concluindo a relação entre Crime e castigo e as obras de Nietzsche, adentra-se o terceiro ensaio, com o objeto de expor historicamente a influência de Dostoiévski perante Nietzsche, explicitando passagens do escritor russo em Os demônios como possível germe do conceito nietzschiano e seu anúncio ao hiperbóreo. Mudando os olhos de direção, o ensaio seguinte explana através do conto uma história desagradável escrito pelo autor russo, como fica evidente a impossibilidade da ideia hegeliana dos preceitos liberais serem aplicados na Rússia do século XIX. Finalizando, como derradeiro ensaio, encontra-se o escrito sobre a profundidade do inconsciente, apresentando pelo viés da obra O sonho do homem ridículo, a antecipação de ideias referentes a psicologia antes mesmo da concretiza freudiana.

Palavras-chave: Filosofia. Dostoiévski, literatura.

ABSTRACT

The beginning of the project is in the form of chronicle, my meeting with Fyodor Dostoevsky and the whole process that motivated this study, with the aim of passing to the reader through literature, part of my feeling towards the Russian author. Then, in the first essay, I begin the theoretical analysis of man's impulse and attitude toward killing God to become a new God, driven by Crime and Punishment along with Nietzsche's philosophical reflections in his books Antichrist and Aurora. . At the end of the preceptor essay, the latter is closely related to the former as a way of demonstrating the problems of conscience in relation to the mortifying attitude of murdering the divine figure. Concluding the relationship between Crime and Punishment and Nietzsche's works, the third essay is introduced, with the object of historically exposing Dostoevsky's influence on Nietzsche, explaining passages of the Russian writer in The Demons as a possible germ of the Nietzschean concept and its announcement. to the hyperbaric. Changing eyes, the following essay explores through the tale an unpleasant story written by the Russian author, as is evident in the impossibility of the Hegelian idea of liberal precepts being applied in nineteenth-century Russia. Finalizing, as the last essay, is the writing about the depth of the unconscious, presenting by the bias of the work The Ridiculous Man's Dream, the anticipation of ideas related to psychology even before the Freudian concretization.

Keywords: Philosophy, Dostoiévski, literature.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
MEU ENCONTRO COM DOSTOIÉVSKI.....	9
1 MATAR DEUS PARA SE TORNAR UM NOVO DEUS.....	14
2 AS CONSEQUÊNCIAS DA CONSCIÊNCIA APARTADA DO DIVINO	18
3 NIETZSCHE LEITOR DE DOSTOIÉVSKI	22
4 HEGEL E A HISTÓRIA DESAGRADÁVEL	28
5 AS PROFUNDEZAS DO INCONSCIENTE	32
APÊNDICE	37
REFERÊNCIAS.....	40

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo expor os aspectos da consciência humana, através da análise literária de Fiódor Dostoiévski, juntamente às reflexões filosóficas de Nietzsche e outros pensadores, a fim de expor as consequências sofridas pelos homens em uma sociedade carente e defasada de espírito religioso, tendo como contexto histórico a Rússia no século XIX, para com isso instigar pensamentos sobre a psique humana em um âmbito total na história dos homens.

Serve-se do modelo ensaístico como método de escrita desta pesquisa, dividida em pequenos ensaios a modelo literário, fazendo assim uma intersecção entre literatura e filosofia, onde os temas abordados passam pelo niilismo, psicologia, religião e moral. Através do olhar crítico, busco problematizar ideias que dizem respeito aos afetos recebidos pelos homens de diferentes classes sociais, desde os que se encontram na camada mais baixa da Rússia, até os burgueses liberais e a aristocracia; visando expor como a religião pode ou não ser uma forma de redenção aos aflitos da consciência.

MEU ENCONTRO COM DOSTOIÉVSKI

No início de setembro do ano de 2017, dois anos após meu ingresso no curso de filosofia estava eu na fila do jantar e entre uns pensamentos e outros, me veio uma ideia que já estava arraigada em minha consciência, irei começar a partir de hoje a ler literatura, fazendo disso um objetivo e mantendo comigo, sempre um livro à minha vista; de início escolhi Shakespeare com sua obra Hamlet mas algo maior me esperava, um encontro daqueles que provocam amor a primeira vista. Em outubro do mesmo ano fui ao encontro do autor que mais me identifiquei, ele veio a mim, Fiódor Dostoiévski.

Esse encontro foi de uma peculiaridade especial, longe da minha cidade natal Araraquara a dois anos, voltava apenas algumas vezes ao mês para visitar minha família. Em uma dessas visitas, meu pai estava lendo crime e castigo obra emblemática de Dostoiévski; conversamos sobre, mas como não tinha o contato real com o autor, ficava mais a ouvir as observações e opiniões do meu pai. Geralmente fazíamos isso em um café da cidade, ponto de encontro recorrente e marcante em minha vida, pois foi nele que tive o maior alicerce ao escolher cursar filosofia, a opinião do meu pai e de minha mãe, enfatizando o valor dos questionamentos, sendo posteriormente a filosofia uma das paixões de minha vida.

Após o término de setembro do mesmo ano, chegou o início do mês que ficara marcado em toda minha história. Em uma das minhas para Araraquara em outubro, meu pai havia terminado de ler Crime e Castigo, concluindo comigo em um recorrente café, sua análise geral sobre o romance. Algo ficou e dominou de maneira muito forte minha consciência, a frase mais marcante que ouvi de meu pai “filho, se você ler esse livro não será mais a mesma pessoa”, mensurar o impacto que sofri com esse desafio é impossível para mim, pois envolve sentimentos e os mesmos não são mensuráveis.

Parei de ler Hamlet no mesmo momento e agarrei o desafio, comecei a ler Crime e Castigo. Engraçado que nesse dia, meus amigos me chamaram para sair, algo que fazia constantemente, sendo difícil ter um motivo contrário para não aceitar as voltas noturnas em Araraquara. Porém, Dostoiévski estava comigo, me encontrava imerso no primeiro capítulo de seu romance, neguei a saída e fiquei em casa durante horas conversando com meu autor; em meus pensamentos estava fazendo algo grande, apesar de eu já estar a 2 anos na filosofia e ter me apaixonado pelo curso, nunca tinha me sentido dessa maneira, talvez seja o impacto da frase de meu pai dizendo que eu não me tornaria a mesma pessoa, penso que determinados indivíduos tem um desejo incessante

de mudança, me encaixo nesse grupo que tem fervor pela metamorfose.

Apesar de nos primeiros dias ter lido bastante, demorei alguns meses para ler os próximos capítulos, hoje em dia penso que foi difícil para mim se identificar em alguns momentos com Raskolnikov, personagem principal do romance; eu sozinho em Uberlândia estava em uma fase não muito boa da minha vida, trancado em um quarto ficava complicado acreditar que possivelmente estaria vivendo momentos semelhantes a esse personagem “extraordinário”.

Chegou dezembro de 2017, término do ano letivo e férias da faculdade, voltei para Araraquara com o livro na bagagem, fazia um tempo que não passava meus olhos nas páginas dessa obra, pois como disse, não estava sabendo lidar com Dostoievski e Raskolnikov. Talvez um sentimento de amor e ódio na mesma medida, amor por ver o quão genial são as suas palavras e ódio pela dor que estava sentindo em minha consciência.

Há mais ou menos um ano tinha combinado com um grande amigo meu de passar as férias em São Paulo na casa de suas tias, por coincidência ou talvez por acaso, sem eu saber, suas duas tias eram amantes de literatura russa. Em vários momentos dessa viagem conversamos sobre os pensamentos dostoievskianos, mas eu estava raso, tinha lido muito pouco do Crime e Castigo, minhas únicas observações foram “ Provavelmente Nietzsche abraçou o cavalo em sua morte de forma simbólica, assim como uma passagem de um açoite a cavalos nos devaneios de Raskolnikov, onde o mesmo abraça um cavalo, Nietzsche era leitor de Dostoievski” e outra “ Não estou vivendo momentos bons em minha vida, será que continuo a ler crime e castigo?” tive como resposta de uma de suas tias a seguinte frase “ Talvez não seja o momento para você ler Dostoiévski”. Mas como a teimosia é uma das minhas características, associei essa frase a mais um desafio, eu consigo ler Dostoiévski. Estava envolvido um em misto

de amor, ódio, medo e questionamentos sobre o que o escritor Russo estava representando em minha vida.

Após a ida a São Paulo retomei a leitura de Crime e Castigo de maneira diferente, com um objetivo real de terminar a obra, passei fevereiro lendo quase todos os dias. Chegou março de 2018, retornei para Uberlândia com um novo animo, lendo de maneira constante e tendo muitas conversas com outro grande amigo meu; sendo ele inclusive um filósofo, me dava muitas ideias e motivação para continuar. Terminei o romance um mês depois e realmente como disse meu pai, transformei como pessoa. O encontro com o subsolo me fez desconstruir e construir muitos pensamentos. Por acaso era abril, o mês de meu aniversário, e como presente, esse filósofo amigo projetou a ideia de pesquisarmos literatura juntamente a filosofia, tendo como possibilidade de orientação, um professor de filosofia da religião que até então só ele conhecia. Marcamos um encontro com o professor, e de maneira muito agradável foi aberta uma porta para mim, com apoio de nosso tutor foi-se possível pesquisar literatura e filosofia, sendo essa pesquisa composta para mim de um paralelo entre Dostoievski e Nietzsche.

Minha leitura nietzschiana foi posterior à dostoievskiana. Em um grupo de estudos organizado pelos estudantes e o professor, lemos o anticristo concomitantemente a minha leitura de os Demônios de Dostoiévski. Parecia que tudo fazia sentido, pois conseguia relacionar a maioria dos aforismos com passagens primordiais de os demônios.

Dostoievski me deu amor à pesquisa, à vida, ao desafio; com um enorme prazer continuei minhas leituras, concluindo assim outras obras do escritor russo, sendo elas, Os Demônios, Memórias do Subsolo, Uma história desagradável, A dócil, O sonho de um homem ridículo, Um pequeno herói e O idiota. Foram tantas ideias em minha cabeça que era difícil conseguir concatenar meus pensamentos, mas com o apoio de

meus amigos citados a cima, foi possível organizar uma ideia concreta de minha pesquisa.

Outro grande momento dessa empreitada foi a possibilidade através de meu pai e minha mãe de ter o contato com um especialista em Dostoievski, em um lançamento de livro deste pesquisador meus pais estavam presentes e me indicaram como aspirante pesquisador da literatura russa, o contato foi estabelecido e seu livro e comentários foram e são de grande ajuda para mim.

Se passou 2018 e junto dele muita leitura, não só de Dostoievski mas de Stendhal, Anton Pavilovitch Tchakov, Milan Khundera, Clarice Lispector, Dante Alighieri, Nietzsche, Sheakspeare, Goeth, Gillez Deleuze e Félix Guatarri, Balzac, entre outras que fizeram minha consciência fervilhar até o presente momento desse escrito. Fiquei um momento sem ler Dostoievski, mas penso que para absorver os grandes pensamentos clássicos demanda tempo, inclusive de um afastamento físico, o único possível, pois meu ser tenderá sempre sentir o mundo com preceitos Dostoievskianos.

Creio que meu tutor de pesquisa estabeleceu mais um grande desafio para mim que encaro com grande prazer. Escrever sobre Dostoievski, destrinchar o escritor russo é meu objetivo principal, utilizando para isso, outro grande autor como paralelo e auxílio, o alemão, o filósofo do martelo, Nietzsche. Evidencias históricas nos mostram que Nietzsche foi um grande leitor e influenciado de Dostoievski, sendo este fato um dos temas principais da minha pesquisa.

A desconstrução da moral Cristã das sociedades ocidentais dos séculos XIX e XX é um dos caminhos que vou seguir, sendo o motivo principal a grande e emblemática pergunta Dostoievskiana que assola minha consciência, “Se Deus não existe tudo é permitido?” com essa duvida sigo meu caminho e nos capítulos a seguir serão expostas ideias de minha pesquisa relacionadas a essa pergunta tão intrigante.

1- MATAR DEUS PARA SE TORNAR UM NOVO DEUS

Usarei a obra literária Crime e Castigo para demonstrar como Dostoievski trata da consciência humana através do personagem Raskolnikov, um jovem estudante de direito que comete um crime por questões ideológicas de sua própria consciência, arquitetada por si mesmo em vista de um cálculo utilitário.

Ródion Raskolnikov, mora em um subúrbio de São Petesburgo, por ser pobre e não ter dinheiro nem para continuar pagando os seus estudos. Vive em um quarto muito pequeno e sujo, sendo lugar marcante pois é nesse cubículo que ferve suas ideias e seus pensamentos; Raskolnikov formula um plano e um ideal que consiste no seguinte: existem no mundo pessoas extraordinárias e ordinárias, as primeiras são ao longo da história caracterizadas por personalidades semelhantes a Napoleão e Cícero. Estes são extraordinários, pois estão apartados de qualquer lei comum e podem cometer infinitos atos sem serem coagidos por essa lei, que são tanto da natureza quanto civil. Essas personalidades são verdadeiros imperadores e comandam a sociedade, são apartados da moralidade estabelecida e fundam uma própria comandando exércitos humanos para a execução de seus ideais. Os ordinários por outro lado são os que vivem no senso comum, os coagidos e obrigados a cumprir as leis determinadas pela natureza e pelos superiores, são servos por assim dizer.

Por ser pobre e se encontrar em uma situação mísera, Raskolnikov começa a penhorar objetos com a velha usurária Alióna Ivánovna, mulher sovina e totalmente apegada a bens materiais que extorque seus devedores e faz qualquer coisa por luxo e dinheiro. A agiota é o gatilho que faz com que o estudante queira concretizar seu ideal pelo seguinte motivo: Raskolnikov considera a usurária um piolho na humanidade, um tipo de pessoa que contribui negativamente para com a sociedade, uma ordinária suja e

mesquinha, um lixo que tem de ser removido; pois ele pensa o seguinte: como esse piolho pode emperrar meus planos? Eu um extraordinário tenho de executa-la para com isso dar início a limpeza e proporcionar uma evolução da humanidade, sendo EU o novo imperador como foi ao decorrer da história, Cícero, Alexandre o Grande e Napoleão Bonaparte. Porém acontece o seguinte, ao pegar a machadinha para dar fim a vida da usurária, aparece de surpresa a irmã de Alióna Ivánovna, e Raskolnikov é obrigado pelas circunstâncias a executar também a irmã que era inocente e não tinha nada em comum aos planos do estudante.

Raskolnikov sendo megalomaniaco e um cristão desconstruído, pensa através de sua lógica subterrânea, que tudo o que é sagrado tem como consequência ser profanado pensando em seu calculo, que para seu utilitarismo ser eficiente deve-se usar os indivíduos da sociedade como massa de manobra e alavanca para concretizar seus ideais. Segue-se um argumento de Lyudmila Parts (2009), retirado do livro Dostoévski e a dialética fetichismo da forma, utopia como conteúdo, escrito pelo professor doutor Flávio Ricardo Vassoler.

O exemplo de Raskolnikov mostra suspeição em relação à compaixão sem Deus: sua piedade inicial pelos outros – sua família, a família de Marmieládov e todo o mundo de pobreza a seu redor – leva-o a um protesto, a uma demanda por mudanças imediatas. Mas, uma vez que ele rejeita Deus e a interpretação religiosa do sofrimento e da compaixão, não há nada que possa evitar que Raskolnikov tente se tornar um deus – chame-o de Napoleão ou Maomé – com o poder de decidir o valor e o destino das outras pessoas. A compaixão sem fé conduz Raskolnikov ao homicídio (2018, p.70-71)

Fazendo um paralelo com Nietzsche e pensando na relação da vida como vontade de potencia, vejo semelhanças de pensamentos entre o filósofo e o escritor russo. Se Raskolnikov precisa matar Deus para se sentir como tal e semelhantes a personalidades de Cícero e Napoleão, encaro preceitos nietzschianos concatenados ao mesmo tipo de pensamento. Sendo a moralidade cristã o que torna o individuo fraco, sem vontade de potência, um ser doentio e tuberculoso que tem como característica o

cansaço e a renúncia, tem-se a quebra da moral cristã como necessária. Os pregadores da morte, capítulo de Assim Falou Zaratustra de Nietzsche, explicita bem seu sentimento perante aos imperativos categóricos cristãos. O filósofo diz que o cristianismo propõe um afastamento da vida, com uma imposição incessante da busca pela vida eterna, sua vontade de potência já é doentia desde a infância, pois os indivíduos nascem e crescem com essa moral arraigada, cito Nietzsche:

E que esta seja a doutrina de vossa virtude: “Deve matar a ti mesmo! Deves escapar!” (2018, p.43)

Em toda parte ecoa a voz dos que pregam a morte: e a terra está cheia daqueles a quem a morte tem de ser pregada. (2018, p.44)

Ou a “vida eterna”: para mim é o mesmo – desde que se vão rapidamente! (2018, p.44)

Adentrar o subterrâneo nas entranhas da alma assim como fez Raskolnikov é necessário para desconstruir os preceitos morais cristãos, temos como exemplo passagens de Nietzsche em seu livro Aurora, donde o mesmo diz sobre seu encontro com o subsolo e sua saída à luz. No lugar mais obscuro nenhuma fé o guia, apenas um consolo o compensa, o encontro com a luz, a redenção perante a potencia de viver. Descer nas profundezas faz com que se escave a velha *confiança*, que todos o filósofos e a humanidade consideravam o alicerce mais seguro com os melhores fundamentos; Nietzsche se propôs a solapar toda a confiança moral e esse edifício tão bem construído; cito duas passagens do prólogo de Aurora:

Neste livro se acha um “ser subterrâneo” a trabalhar, um ser que perfura, que escava, que solapa. Ele é visto – pressupondo que se tenha vista para esse trabalho na profundidade – lentamente avançado, cauteloso, suavemente implacável, sem muito revelar da aflição causada pela demora da privação de luz e ar; (2016, p.9)

E sempre de novo, embora todo edifício desmoronasse até hoje: eu me pus a solapar nossa confiança moral. Estão compreendendo? (2016, p.10)

Segundo o filósofo, a moralidade está relacionada com os costumes praticados pela sociedade, sendo esses costumes, ligados aos sentimentos humanos, e a moralidade

as regras estabelecidas perante esses sentimentos. Regras que são criadas e estabelecidas pelas próprias pessoas no decorrer da história antiga, medieval e moderna. Apontamentos de Nietzsche referente ao modo em que as pessoas lidam com essas regras morais são explicitados através do argumento, de que, pensamentos contrários a lei, é algo evitado pelas pessoas de vida "correta". São praticados apenas por pensadores de algumas categorias, como, filósofos, artistas, cientistas, sendo algo relacionado a loucura por estarem pensando e algumas vezes praticando atos contrários as regras.

A fé cristã é algo a ser evitado pela perda da potência em viver; através do medo, da culpa, dos castigos e da ambição pela vida após a morte, sendo Jesus, crucificado junto as antigas leis morais Judaicas, Romanas, Gregas e Egípcias, Paulo de Tarso o primeiro cristão deturpou as palavras de Jesus de acordo com seus interesses pessoais, relacionado a sua grande ambição, denominando a bíblia como presságio do "ESPIRITO SANTO".

Vemos na história da humanidade, O cristianismo vingar-se de Roma apontando um fim do mundo, perante a uma sociedade que acreditava ser eterna como o bronze, onde teve-se a fase da perseguição dos romanos perante aos grupos cristãos secretos. Posteriormente consagra-se a vitória do cristianismo com o batizado de Constantino fundador de Constantinopla, Roma aderindo a fé cristã e tendo como consequência a perseguição perante aos Pagãos, indo contra pensamentos de Epicuro, Lucrecio e aos cultos de Ísis. O medo do inferno e o anseio de uma vida divina diminuem radicalmente a potência das pessoas em viver o presente. Seguem-se três citações de Nietzsche em O Anticristo:

O que é bom? Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem. O que é mau? Tudo o que vem da fraqueza. O que é felicidade? O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência é superada. (2002, p.4)

O que é mais nocivo do que qualquer vício? A ativa paixão por todos os malogrados e fracacos – o cristianismo. (2002, p.4)

O cristianismo tomou partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que contraria os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando a perceber como pecaminosos os valores supremos do espírito.(2002, p.5)

Através desses argumentos, penso que Nietzsche vê o rompimento de Raskolnikov com a moral e os costumes de sua época como algo estritamente necessário para que o mesmo consiga ter esse ímpeto e desejo de potência, pois como visto anteriormente, a religião cristã poda o indivíduo de se sentir vivo, de viver o presente e fazer suas ações sem culpas e castigos determinados pelos presságios do espírito santo. Raskolnikov vive seus desejos corporais, suas ambições, ele está vivo novamente, mas após cometer seu ato crucial sua consciência sofre de algo inesperado para quem tem o anseio de torna-se Napoleão, Cícero, um Deus russo.

2- AS CONSEQUÊNCIAS DA CONSCIÊNCIA APARTADA DO DIVINO

Após o crime, Raskolnikov começa a ter seus primeiros castigos, os castigos da própria consciência, do próprio ego individual. O estudante começa a ficar doente, sentir cólera e ter devaneios infinitos relacionados ao crime; o sentimento de culpa assola sua consciência de forma avassaladora. Essa culpa se dá no seguinte motivo: Raskolnikov começa a sentir algo que já estava previamente estabelecido na sociedade em que ele vivia, o sentimento da compaixão cristã, onde as pessoas foram educadas pelo decálogo de Moisés que diz: *não matarás*.

O crime cometido por Raskolnikov se dá no sentido de que ele através de seu egoísmo, tenta se apartar totalmente da sociedade em que vive, como se estivesse contido em uma bolha repleta de seus ideais. O fato de ele ter matado a usurária por

considera-la um piolho e querer evoluir a humanidade, oriunda de uma compaixão com cálculo utilitário através de um sentimento de piedade para com os próximos, que vivem uma situação semelhante de pobreza financeira, tipo diferente da compaixão cristã que tem como objeto a ajuda ao próximo em vista da vida após a morte. O estudante julga através de sua teoria quem são os que devem ou não continuar a viver, para com isso tornar a sociedade algo idealizado por si mesmo.

Essa racionalização do sentimento e da condição moral faz com que Raskolnikov tenha um afastamento da religião, perdendo sua condição simbólica e tendo como objetivo de vida apenas seu ideal. Me parece que a falta do sentimento religioso provoca um afastamento social, acarretando em uma cisão do EU (ego individual) com as pessoas (coletivo), o que causa um enorme solipsismo, a exemplo do estudante que vivia a maior parte do tempo em seu quarto afastado da sociedade; algo que dava margem para esse sentimento de revolta perante a sua cultura e o desejo de muda-la através de suas ideias.

No decorrer da história, Raskolnikov trava diversos duelos ideológicos com o investigador das causas penais, Porfírio Petrovitch, diálogos que contém embates psicológicos junto a pensamentos filosóficos proferidos pelos participantes. Como desfecho temos Raskolnikov se entregando como culpado, não por ter perdido os duelos com o investigador mas porque não aguentou a culpa de sua própria consciência, que recebendo impulsos externos de pessoas em que possuía grande afeição como sua irmã, sua mãe, e da prostitua Sônia, não viu outra saída a não ser se entregar.

Tendo como decreto a obrigação de cumprir trabalhos forçados na Sibéria, Raskolnikov vive de maneira sombria e indiferente, pois não se vendo mais como um extraordinário, pelo fato de seu plano ter fracassado, o estudante fica sem apoio e meta de vida; é através de Sônia (prostituta) que Raskolnikov tem sua redenção, ela transpõe

a ele o sentimento religioso como forma de salvação. Em minhas análises, vejo a religião como algo que Raskólnikov se agarrou de maneira simbólica, substituindo suas teorias revolucionárias por algo concreto e de grande apoio sentimental, associado à influência de Sônia que motivado por um grande apreço e afago fez com que Raskólnikov sentisse o desejo de seguir sua vida e fazer planos para os anos após o cárcere.

Temos a religião como forma de redenção e expurgo dos sentimentos ruins, sendo o único meio de salvação dos assombros da consciência; o papel da religião é explicitado na personagem Sônia que mesmo sendo prostitua, algo amoral, é vista como pura e limpa por ter grande apelo e vivência religiosa. Penso que através da relação entre Sônia e Raskolnikov temos dois tipos de sofrimentos diferentes, um no caso de Sônia que sofre muito durante o romance mas que tem como alicerce a religião, e por esse motivo consegue continuar a vida, e no caso de Raskolnikov que também tem um grande sofrimento mas sem o apoio religioso causado a ruína em sua consciência.

Após a explicitação do caso de Raskolnikov no romance crime e castigo e analisando os outros romances que li até o momento, penso que em Dostoiévski os personagens niilistas que tem modos de vida semelhantes ao estudante de crime e castigo são retratados de forma negativa, em um sentido que seu niilismo provém de uma falta de sentimento religioso motivados por seus ideias revolucionários, que necessitam de atitudes infames para ser concretizados. Essas atitudes provocam na consciência dos homens um turbilhão negativo e um fluxo enorme de pensamentos repulsivos sobre si mesmo, com uma negação social e um desejo incessante de impor seus ideais; sendo o único remédio para a salvação da consciência o sentimento religioso cristão.

Nietzsche vê o cristianismo como algo a ser superado, um modo de vida que tira

a potência dos homens, uma religião da decadência e do sofrimento, tendo em vista uma deturpação da religião por Paulo, onde o mesmo caracteriza Jesus como mártir por ter sofrido pela salvação da humanidade. O filósofo vê o sofrimento como algo necessário no sentido positivo de uma superação ao contrário do cristianismo que o tem como negativo em uma aceitação.

Aos olhos de Nietzsche, Raskolnikov deveria através de seu sofrimento usá-lo como forma de superação e não recorrer ao cristianismo como forma de salvação, pois é justamente a religião cristã que instaurou em sua educação o impulso para que o estudante tenha sentido a dor de sua consciência. Assim os pensadores discordam em um ponto crucial, onde Dostoiévski tem a religião cristã como salvadora e expurgo dos sentimentos negativos, sendo as atrocidades humanas causadas por seu afastamento religioso com pulsões intelectuais e ideológicas.

Já Nietzsche, pensa que o causador das formas negativas do homem é justamente a religião cristã que o torna fraco e oprimido perante a Deus, através de imperativos e dogmas que fazem as pessoas cumprirem atitudes que causam a decadência, como por exemplo, a compaixão em vista de uma recompensa numa vida após a morte. Não vejo Nietzsche como um defensor de atrocidades a exemplo da cometida por Raskolnikov, mas pelo fato de Dostoiévski retratar casos extremos da humanidade, penso que o filósofo diria para o estudante aguentar o seu sofrimento, pois os sentimentos de culpa em relação ao bem e ao mal são imposições doutrinárias religiosas, sendo a culpa uma negação de suas próprias atitudes. A ética de Nietzsche é afirmativa em relação as ações dos indivíduos, e não de controle e punição das suas próprias ações, tanto de forma exterior por leis doutrinárias quanto interior de sua própria consciência.

Segundo Nietzsche em aurora, entendo que em um de seus aforismos o filósofo

retrata de forma crucial o sentimento de sofrimento que Raskolnikov teve em sua consciência, por seus pensamentos terem sido solapados através dos preceitos religiosos, que instauraram de forma feroz a culpa em um indivíduo que vivia numa sociedade cristã com forte apelo e dominação, cito:

Foram os conscienciosos, não os sem consciencia, que tiveram de sofrer terrivelmente sob a coação das prédicas à penitencia e medos do inferno, sobretudo se eram também homens de imaginação. De modo que ensombreceu-se a vida justamente daqueles que necessitavam de jovialidade e imagens graciosas – não apenas para sua recuperação e cura de si mesmos, mas para que a humanidade pudesse com eles alegrar-se e acolher um raio da sua beleza. O quanta supérflua crueldade e tortura animal teve origem nas religiões que inventaram o pecado! E nos homens que quiseram, com isso, ter a mais alta fruição do seu poder! (2016, p.43)

Tranquilizar a imaginação do doente, para que ao menos, como até agora, ele não sofra mais com seus pensamentos acerca da própria doença do que com a própria doença – creio que isto é algo! Não é pouco! Compreendem agora a nossa tarefa? (2016, p.44)

3- NIETZSCHE LEITOR DE DOSTOIÉVSKI

Neste ensaio tenho como objetivo demonstrar a influência do escritor russo Fiódor Dostoiévski sobre o filósofo Nietzsche, através de minhas observações sobre o artigo intitulado: Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “*homem moderno*”, escrito por Paschoal (20/10/2009). E conseqüentemente expor o drama intelectual do personagem Kírillov de *os demônios* como parâmetro em uma aproximação de seus ideias com o pensamento de Nietzsche. O artigo é apresentado com base em um estudo sobre a influência do escritor russo nos aspectos inferidos por Nietzsche no assim chamado “homem do ressentimento” tendo como início explicitar evidências sobre o contato do filósofo alemão com as obras de Dostoiévski em especial o livro *L’sprit souterrains* publicado em 1864, expondo como os conceitos dostoiévskiano foram grande influência para o desenvolvimento de sua crítica a moral.

De Dostoiévski eu não sabia, até poucas semanas, sem sequer o nome-eu, um homem sem instrução, que não lê nenhum “jornal”! Uma visita casual a uma livraria me colocou diante dos olhos o livro *L'sprit souterrain* em uma tradução francesa (tão casual quanto me ocorreu aos 21 anos de idade com Schopenhauer e aos 35 com Stendhal!). O instinto parentesco (ou como poderia eu chama-lo?) falou de imediato, minha alegria foi extraordinária: eu devo retroceder até meu contato com *O vermelho e o negro* de Stendhal, para me recordar de semelhante alegria. (2009, p.200)

O conceito “ressentimento” construído por Nietzsche foi elaborado a partir do significado que a palavra *ressentiment* tem na língua francesa no século XVIII, termo que de início surgiu nos escritos de sua juventude no ano de 1875 em seu ensaio sobre o livro *O valor da vida* de Eugen Dühring, deixando de ser usado posteriormente e sendo retomado a partir do interesse do filósofo sobre os temas como a sede de vingança relacionado a moral; sendo fato que Nietzsche só retoma o termo “ressentimento” em *Para a genealogia da moral*, após a leitura do livro de Dostoiévski *L'sprit souterrain* juntamente as discussões com o professor alemão Dühring.

Os primeiros sinais do contato do filósofo com o escritor russo é observado no prefácio de *Aurora*, do outono de 1886 (entre setembro e dezembro), e no aforismo 347 de *A gaia Ciência*, enviados ao editor em dezembro deste ano. Em *Aurora*, compete a passagem em que Nietzsche menciona a si mesmo com um “ser subterrâneo”, se referindo ao fato de que teria passado pelas profundezas obscuras do subsolo antes de voltar a superfície, expressando por esse movimento a ideia de aurora. Em *gaia Ciência* é mencionado “o niilismo do modo de Petersburgo”, que se expressa por meio da “crença na descrença até o martírio por ela”, em uma provável referência ao personagem Kirillov de *Os demônios*, sendo indicado o modo como o tema niilismo aparece na obra de Dostoiévski e pelo fato de algumas anotações do ano seguinte, Nietzsche se refere a Kirillov mencionando a mesma ideia.

A primeira menção direta ao autor russo aparece nas últimas linhas de uma carta endereçada a Franz Overbeck em 12 de fevereiro de 1887, onde o filósofo questiona o amigo se já teria escrito a ele sobre Hippolyte Taine e sobre Dostoiévski (KSB VIII,p.21). No dia 13 de fevereiro de 1887, o filósofo escreve uma carta para Heinrich Koselitz: “o senhor conhece Dostoiévski? Além de Stendhal ninguém produziu em mim tanto regozijo e surpresa: um psicólogo, com o qual ‘eu me entendo’” (KSB VIII,p.24) e, tempo depois, em 23 de fevereiro, escreve mais uma vez a Frans Overbeck, mencionando seu encontro com o livro *L’esprit souterrain*. Afirmando nessa correspondência o desconhecimento do autor russo “até poucas semanas”, mencionando o “instinto de parentesco” com o escritor e sua alegria após a leitura, comparável apenas a seu encontro com Schopenhauer, aos 21 anos, e com Stendhal, aos 35.

No dia 4 de março, Nietzsche fala sobre Dostoiévski em uma carta enviada a Emily Fynn, caracterizando o escritor russo como um psicólogo, sendo sua força de análise não ter correspondência mesmo na Paris moderna (KSB VIII,p.39). Em uma carta endereçada para Heinrich Koselitz, no dia 7 de março, Nietzsche expõem várias informações biográficas sobre o escritor russo e fala sobre à leitura de outras obras como *Recordação das casas dos mortos*, “um dos livros mais ‘humanos’ que existe, e *Humilhados e ofendidos*, lido por indicação de Overbeck “com o maior respeito pelo artista Dostoiévski”. Destacando nessa correspondência a força da intuição psicológica do escritor, que é dotada de doçura e profundidade de coração, capaz de esboçar suas reflexões sobre o subterrâneo do homem “com uma leve audácia e encanto” (KSB VII,p.41.).

Por conseguinte, após demonstrar as evidências da influência de Dostoiévski perante o filósofo Nietzsche, utilizarei o drama intelectual do personagem Kírillov de os Demônios como forma de mostrar através de seus ideais a antecipação do *Zartustra* e

sua aproximação com as ideias expostas em *o anticristo*.

Kírillov personagem caracterizado pelo seu niilismo enxerga em seu suicídio a redenção da humanidade, exclamando que a única forma de salvar a todos é o arbítrio perante as leis universais de Deus; os homens só seriam livres a partir do momento que fossem completamente insubordinados a qualquer regra exterior a si. É o temor do livre arbítrio e a invenção dos deuses que causa a infelicidade dos homens.

A vida é dor, a vida é medo, e o homem é um infeliz. Hoje tudo é dor e medo. Hoje o homem ama a vida porque ama a dor e o medo. E foi assim que fizeram. Agora a vida se apresenta como dor e medo, e nisso está todo o engano. Hoje o homem ainda não é aquele homem. Haverá um novo homem, feliz e ativo. Aquele para quem for indiferente viver ou não viver será o novo homem. Quem vencer a dor e o medo, esse mesmo será Deus. E o outro Deus não existirá. (2013, p.120)

Na pedra não existe dor, mas no medo da pedra existe dor. Deus é a dor do medo da morte. Quem vencer a dor e o medo se tornará Deus. Então haverá uma nova vida, então haverá um novo homem, tudo novo... Então a história será dividida em duas partes: do gorila à destruição de Deus e da destruição de Deus... (2013, p.120)

Tendo em vista os trechos citados, aparenta em seu conteúdo uma aproximação do que seria para Nietzsche o conceito de hiperbóreo, homem que estaria apartado de qualquer lei moral e universal religiosa, vivendo uma vida afirmativa, sem ressentimentos e culpas que imperativos categóricos da religião cristã o impõem, sendo ele através de seu arbítrio o formador de sua própria moral. Segundo Nietzsche em seu livro *o anticristo*:

“O que é bom? Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem. O que é mau? Tudo o que vem da fraqueza. O que é felicidade? O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência é superada”. (2002, p.4)

“A noção de culpa e de castigo, incluindo nela a doutrina da graça, da redenção, do perdão – mentiras rematadas e sem qualquer realidade psicológica – inventaram-se para destruir no homem o sentido das causas: são o atentado contra a noção de causa e efeito! E não um atentado com o murro, com a faca, com a franqueza no ódio e no amor! Mas nascem dos instintos mais cobardes, mais astutos e mais baixos! Um atentado de sacerdotes! Um atentado de parasitas! Um vampirismo de sanguessugas pálidas e subterrâneas!”. (2002, p.53)

Tendo-se como primordial para Kirrilov o arbítrio perante as leis de Deus, o nihilista afirma que se Deus existe toda a vontade é dele, portanto o arbítrio e a liberdade dos homens está restrito as leis divinas, caso Deus não mais exista toda a vontade passa a ser algo subjetivo e restrito ao individuo, tomando como consequência que a pessoa reconhecendo essa ideia tem de exclusivamente proclamar o arbítrio e a liberdade. Uma analogia explicitada por Kirrilov para mostrar através de uma comparação empírica e social, em relação ao medo do desvelamento das leis divinas, aplica-se no paralelo entre o que ocorre à um pobre quando recebe uma herança; o mesmo fica assustado e não tem forças para apanhar o dinheiro por se menosprezar e achar-se fraco por possuí-lo, o equivalente acontece com quem descobre o poder que se tem ao disseminar de sua consciência moral as leis de Deus, tem-se medo pois esta arraigado em seus pensamentos as imposições religiosas, sendo esse um dos motivos cruciais de Kirrilov querer proclamar seu arbítrio em seu suicídio. O ponto mais importante do livre arbítrio é ele mesmo se matar, matar outra pessoa seria a parte mais vil do livre arbítrio, a parte mais suprema é o próprio suicídio, tomando como exemplo o decálogo de Moisés donde esta contido o mandamento não matarás; Kirrilov é obrigado a proclamar a descrença.

Observando a história de humanidade vemos que o homem não tem feito outra coisa se não criar um Deus para viver para ter consigo um alicerce em relação as suas ações morais; não existe uma ideia superior se não a de negar a existência de Deus, todos os homens que descontrói e negam o Deus vigente tem o anseio de criar um novo Deus para com isso conseguir viver e conseqüentemente se tornar Ídolo perante a sociedade, nisso consiste toda a história da humanidade; Kirrilov se considera o único na história da humanidade que pela primeira vez não quis inventar um deus pois quer através de seu suicídio provar sua liberdade perante qualquer lei moral divina estabelecida. A salvação para todos está em provar essa ideia; Kirrilov não compreende

como um ateu pôde saber que Deus não existe e não se matou no ato.

Tendo como paralelo o salvador Jesus Cristo, o niilista afirma que as leis da natureza não pouparam nem os seus milagre, mas o obrigaram a viver no centro da mentira e morrer pela mentira, tendo como consequência de que todo o planeta é uma mentira e sustenta na mentira um escárnio tolo, sendo esse um dos questionamentos de Kirrilov em relação à qual seria a motivação dos homens viver em um mundo donde tudo é uma mentira e um vaudeville dos diabos. Para que viver se és homem?

Após as observações de Kirillov segue-se uma comparação com Nietzsche donde o mesmo em seu *aforismo 347 de gaia ciência* intitulado *Os crentes e sua necessidade de Crença*, discorre sobre os apontamentos do desejo da fé pelos homens como anseio de um alicerce para que se viva uma vida sem potência e fraca no sentido da perda do livre arbítrio em vista de um Deus que os comande e direcione suas ações, os homens com necessidade de fé tendem a considerar todos os mandamentos como verdadeiros sem ao menos se questionar conforme a força da Bíblia nos mostra; a fé é muito mais desejada, se torna uma necessidade quanto mais faltar vontade, quanto menos alguém sabe comandar mais aspira alguém que ordene, que comande com severidade, assim como um Deus, um príncipe, um Estado, com uma necessidade de um “Tu deves” até o desespero. A partir do momento que um espírito nega a fé e todo desejo de certeza nasce um novo homem com uma liberdade e soberania individual sendo esse o espírito livre por excelência.

Mede-se o grau de força de nossa *fé* (ou mais exatamente o grau de nossa fraqueza) pelo número de princípios sólidos de que necessita para se desenvolver, desses princípios que nossa fé não quer ver abalados porque servem de *sustentáculo*. Parece-me que até hoje a maioria das pessoas tem ainda necessidade do Cristianismo, e é por isso que se continua a lhe dar crédito. (2008, p.212)

Quando um homem chega a convicção fundamental de que deve ser comandado, ele se torna “crente”; inversamente, pode-se imaginar uma alegria e uma força de soberania individual, uma liberdade do querer, em que o espírito recusaria toda fé, todo desejo de certeza,

exercido como se fosse manter-se sobre as cordas leves de todas as possibilidades, até mesmo a dançar à beira do abismo. Esse espírito seria o espírito livre *por excelência*. (2008, p.213)

Os pregadores da morte capítulo de Assim Falou Zaratustra de Nietzsche explicita bem seu sentimento perante aos imperativos categóricos cristãos me dando a impressão que provavelmente Kirillov seja uma antecipação de Zaratustra, o filósofo diz que o cristianismo propõem um afastamento da vida, com uma imposição incessante da busca pela vida eterna, sua vontade de potência já é doentia desde a infância pois os indivíduos nascem e crescem com essa moral arraigada, cito Nietzsche.

E que esta seja a doutrina de vossa virtude: “Deve matar a ti mesmo! Deves escapar!” (2018, p.43)

Em toda parte ecoa a voz dos que pregam a morte: e a terra está cheia daqueles a quem a morte tem de ser pregada. (2018, p.44)

Ou a “vida eterna”: para mim é o mesmo – desde que se vão rapidamente! (2018, p.44)

Tendo em vista as afirmações de Nietzsche sobre a leitura das obras de Dostoiévski fica evidente o motivo do prazer extraordinário que o filósofo alemão teve ao entrar em contato com o livro *L'esprit souterrains*. Após as leituras dos livros de Dostoiévski por Nietzsche vemos nos conceitos expostos pelo filósofo alemão grande influência do escritor russo perante o desenvolvimento de sua crítica a moral e no assim chamado “homem do ressentimento”.

4- HEGEL E A HISTÓRIA DESAGRADÁVEL

O presente ensaio tem o intuito de analisar através do conto *Uma História Desagradável*. do escritor russo Fiódor Dostoiévski, juntamente com a teoria filosófica da história de Hegel, o movimento histórico que acontecia na Rússia durante os anos de 1850-60 que tinha como contexto as “grandes reformas” aplicadas pelo tsar Alexandre II visando à modernização econômica com o objetivo da mudança de patamar da Rússia

recém-derrotada na guerra da Criméia, para com isso se aproximar o máximo possível das grandes potências europeias de seu tempo.

O conto dostoiévskiano tem como característica a forte presença da hierarquia social vigente na Rússia do século XIX, donde a aristocracia tinha grande poder em uma sociedade ainda “não desenvolvida” no que diz respeito aos aspectos econômicos, tecnológicos e políticos em uma comparação à França e Inglaterra. Os personagens são “conselheiros efetivos do Estado”, título que tinha equivalência à patente de major-general e dava direito à nobreza hereditária, os mesmos ocupavam grandes cargos como o de governador, prefeito e diretor de departamento, sendo os outros personagens do conto funcionários e pessoas de classes sociais mais baixas que tinham o dever de tratar seus superiores por “Vossa Excelência.” Com isso o conto é construído de forma a mostrar o contato de um conselheiro do Estado denominado Ivan Ilitch com seus subordinados, mais especificamente Pseudomínov que tem como característica presente na etimologia de seu nome ser um “pequeno homem” um tipo de homem que tem grande apelo na literatura russa desde o conto O capote de Nikolai Gógol escrito em 1842.

O escrito de Dostoiévski se passa em uma época na qual teve início o impulso incontrolável e ingênuo do renascimento da pátria russa com o desejo de seus gloriosos filhos por novos destinos e esperanças; sendo Ivan Ilitch o personagem detentor dessas características, o mesmo devaneia em sua consciência a ideia de ser um novo ídolo e Deus russo, perante o movimento de identificação e cumprimento dos desejos das pessoas mais degradadas da sociedade, sendo a humanidade o objeto que serviria de pedra angular para as reformas e renovação dos ideais vigentes na Rússia. Se enxergando como um burguês liberal e criticando pensamentos reacionários dos aristocratas, Ivan Ilitch possui grande influência do iluminismo francês por seus

conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade serem de grande importância para que a consciência desse general sinta o anseio de mudança no que diz respeito a comunidade russa. Cito Ivan Ilitch:

Contudo, sustento e divulgo em toda parte a ideia de que a humanidade, e precisamente a humanidade em relação aos subordinados, do oficial para com o escrivão, do escrivão para com o faxineiro, do faxineiro para com o mujique: a humanidade, eu digo, pode servir de pedra angular para as futuras reformas e para a renovação das coisas em geral. Por quê? Porque sim. Considere o seguinte silogismo: sou humano, conseqüentemente sou amado. Sou amado, portando sinto confiança. Sinto confiança, portanto acreditam em mim; acreditam em mim, portanto me amam... ou seja, não, quero dizer, se acreditam, então também acreditarão na reforma, entenderão, por assim dizer, a própria essência da questão, abraçar-se-ão, por assim dizer, no sentido moral e resolverão todas as coisas de forma amigável e fundamental. De que está rindo, Semión Ivánovitch? Não entende? (2016, p.17)

Todavia, em uma conversa com o general Semión Ivánovitch, Ivan Ilitch ouviu de seu companheiro de departamento a seguinte frase: “ Não vamos aguentar”, em uma alusão a impossibilidade da teoria de Ivan Ilitch ser aplicável em uma época onde a Rússia estava entre as amarras dos grandes generais aristocratas. No decorrer do conto Iván Ilitch adentra no casamento de seu subordinado Pseudomínov com o intuito de se aproximar das pessoas mais reais da sociedade, causando forte impacto e surpresa a esses indivíduos para com isso fazer com que o povo sintisse que seu superior os enxerga, com o intuito dessa massa o idolatrar e pensar que seus desejos serão ouvidos e realizados por seu novo ídolo. Porém ao entrar no casamento de Pseudomínov as portas do inferno de Dante foram abertas para Ivan Ilitch, o general perdeu todas as esperanças; em meio a tragos de champanhe o general não aguentou sua própria consciência que estava tomada pelos mais absurdos devaneios; nojo e asco por essas pessoas de hierarquia social mais baixa era de grande força em seus pensamentos. Cito Ivan Ilitch:

Quando resolveu ir à festa estava, por assim dizer, estendendo os braços para toda a humanidade e para todos os seus subordinados, eis que não se passara nem uma hora e ele, com o coração dolorido, sentia e sabia que odiava Pseudonímov, amaldiçoava esse

homem, sua esposa e aquele casamento. (2016, p.50)

Como consequência da entrada do general no casamento, a festa foi um fracasso, Ivan Ilitch desmaiou de bêbado e acabou com toda a cerimônia de seu subordinado, não ocorreu o imaginado pelo protótipo revolucionário, a hierarquia não foi rompida, a consciência do superior e dos subordinados foram solapadas pelo sentimento e impressões da cultura imperialista da Rússia, tendo como desfecho a célebre frase “Não aguentei!” disse Ivan Ilitch de si para si e, impotente, deixou-se cair na cadeira.

Tomando como base a filosofia da história de Hegel, vemos que o alemão considera que a filosofia conduz o espírito (pessoas) ao saber absoluto, sendo a história o lugar da experiência da consciência do espírito; para o filósofo, o fim do absolutismo francês era um momento privilegiado para a realização do ideal da razão, em uma possível revolução política com intuito de aplicar os ideais do iluminismo juntamente a burguesia e ao Estado como lugar de realização da liberdade.

O absoluto pensado por Hegel tem de ser intuito e apreendido em um processo de experiência da consciência do espírito donde se tem três momentos de metamorfose: o primeiro a ideia abstrata em si (a indeterminação do conceito), o segundo o estranhamento para si como alteridade (a negação da ideia abstrata), e em terceiro a ideia concreta em si e para si (a determinação do conceito). Com o conceito de revolução do espírito em sua dialética, considera-se por Hegel que a evolução do espírito chegou ao absoluto no século XIX em uma alusão ao juízo final, com a ideia de que o autoconhecimento do espírito por ter apreendido a concepção de liberdade constituiria através do sistema da ciência o Estado moderno soberano, com um governo que respeitaria a autonomia dos três poderes rompendo com qualquer possibilidade de uma volta da monarquia.

A partir da conquista do saber absoluto europeu, Hegel declara o dever de

disseminar esse ideal para outras culturas ditas atrasadas no sentido de não possuírem em seus princípios as características libertarias do Estado liberal da sociedade civil burguesa.

Em uma aproximação da filosofia de Hegel com o conto de Dostoievski podemos refletir o quão aplicável seria o pensamento hegeliano no que diz respeito à disseminação cultural do ideal de liberdade em sua constatação do homem já ter atingido o saber absoluto. Vemos que o personagem principal, Ivan Ilitch, de hereditariedade aristocrata se encontra munido dos ideais burgueses, e sua consciência reconhece de si para si uma possibilidade de efetivação da liberdade em uma sociedade completamente dominada pelo czar; porém temos como desfecho da história dostoiévskiana algo desagradável à esse respeito, a revolução política não obteve êxito; os superiores e os subordinados estão presos em uma amarra hierárquica que parece impossível de se libertar, aplicar um ideal em outra cultura completamente diferente me parece improvável, pois são pessoas diferentes com experiências e modo de viver distintos. Apesar do dito juízo final aclamado por Hegel, a consciência das pessoas não aguenta a culpa, o sentimento de superioridade e inferioridade está arraigado, o orgulho é muito forte e a mudança de lugar e comunhão social me parece impossível ser alavancada pelo liberalismo na Rússia do século XIX descrita por Dostoiévski.

5- As profundezas do inconsciente

O presente ensaio consiste em mostrar através do conto dostoiévskiano intitulado O sonho de um Homem ridículo, como o escritor russo com sua força de análise a frente de seu tempo conseguiu escavar o subterrâneo e expor os conflitos da consciência humana a partir da exposição do inconsciente antes mesmo da filosofia de Nietzsche e da psicanálise de Freud; a influência das entranhas dos homens perante ao

aspecto “sublime racional” fica explícito em uma sociedade que valorizava de forma extrema a razão recorrente de todo o processo histórico percorrendo da idade antiga à modernidade, mais especificamente na segunda metade do século XIX donde o poder da filosofia Hegeliana com seu espírito absoluto e o positivismo de Augusto Comte, juntamente com a revolução industrial Inglesa e o Iluminismo francês trouxeram um valor absurdo ao que Dostoiévski conhecia até então por Ciência.

De início a personagem do conto se denomina como homem ridículo aclamando que toda a sociedade ri dele e o chamam dessa forma, em uma espécie de concordância de sua consciência juntamente a influência da alteridade perante a esse adjetivo; com isso o protagonista do conto se mostra como niilista em uma condição de negação do mundo e da vida, chegando ao ponto de reconhecer que diante de si não havia nada e que tudo era indiferente; caminhando pela rua em um clima noturno, sombrio e chuvoso, em uma possível alusão temporal ao subterrâneo, o homem em questão avista uma estrelinha no céu nublado que o estimula a ter a certeza de que nessa noite, cometerá suicídio; porém no momento em que olhava para o céu, chega uma criança, uma menina e pede ajuda para ele, pois algo aconteceu em relação à sua mãe, mas o homem ridículo a enxotou.

Após o fato ocorrido, o homem sobe em seu apartamento, donde a arma já estava carregada para o ato final de sua vida, contudo uma ideia vem a sua consciência e o faz se sentir culpado perante à menina, impulsionando o questionamento de que se tudo na vida dele era indiferente, tanto no aspecto da dor física quanto na moral, por que estava se flagelando e sentindo pena por essa situação inesperada? Por que estava considerando nesse momento que nem tudo para ele era indiferente? É fato de que teria se matado se não fosse aquela menina. De modo egóico, cético e individualista, o homem ridículo acreditava que com o apagamento de sua consciência pelo suicídio,

tudo se extinguiria e não haveria mais nada, pois tudo existe enquanto ele existe, e nada mais existirá quando o mesmo se suicidar, em uma espécie de conclusão lógica e racional que implica como conclusão a afirmativa de que só ele é quem existe.

Dante Alighieri grita aos ouvidos de Dostoiévski, o inferno presente na vida do homem ridículo o faz perder as esperanças, todos os pecados da existência perpassam sua consciência e suprime sua vontade de viver, causando uma descrença total em si e nos outros, andando por todos os círculos infernais faz-se com que o suicídio seja a única saída, entretanto a menininha, assim como a Beatriz de Dante, o faz retomar as esperanças, mostrando uma nova perspectiva de vida com o amor.

Novas considerações vieram a sua mente, caso tivesse vivido outra existência na lua, ou em Marte, e lá tivesse cometido um crime canalha e desonesto sendo julgado e humilhado nesse lugar, e depois vindo estar presente na terra e olhasse esses astros fazendo com que se lembrasse de seu ato vil, tudo seria indiferente ou não? Essas questões fizeram com que o homem tivesse um sentimento de que não poderia morrer sem antes resolver algo.

Após esses questionamentos o homem ridículo cai em um sono profundo, que é narrado pela personagem da seguinte forma: sente-se pelo mesmo que está morto por um tiro proferido no coração, sendo enterrado posteriormente ao suicídio, mas sua consciência ainda consegue raciocinar, apenas seu corpo não se move mas seu coração ainda pulsa, sentindo minuto após minuto um gotejar em seu peito, com isso o protagonista do conto começa a clamar por alguém que lhe explique o que está acontecendo, e nisso seu caixão rompe e uma espécie de criatura escura e desconhecida o pega e começa a voar com o homem para um espaço bem longe da Terra.

Em um contexto atemporal, donde a noção de tempo e espaço é rompida, o devaneio do homem ridículo é marcado por um salto perante às demarcações exatas do

relógio, estando com isso por cima de todas as leis da existência e da razão, algo que é possível apenas nos sonhos; nisso a personagem avista uma estrela que o faz questionar a criatura se era “Sírius”, tendo posteriormente como resposta que era a mesma estrelinha que ele tinha observado em seu caminhar pela rua no plano terreno, fazendo com que o homem conclua que existe também uma vida além-túmulo, fazendo-o questionar se serão possíveis repetições no universo donde no supralunar se encontraria lugares semelhantes à Terra.

Sem atinar com nada, e seu companheiro de viagem o deixando, o homem ridículo reconhece que está em uma outra Terra, numa espécie de jardim do Éden, que não tinha sido atingido pelo pecado original, possuindo seres puros e sem pecados, semelhantes às crianças, sendo uma sociedade composta por uma única família donde toda relação era pautada pelo amor perante ao próximo, sem divisão de castas, categorias e aspectos políticos do Estado que continham no plano terreno, onde se vivia anteriormente o homem; nesse lugar não tinha a sabedoria racional da ciência, os seres se relacionavam com a natureza e a natureza se relacionava com esses seres em uma espécie de comunhão sem ímpetos de volúpia cruel, quase não tinham doenças e não existia nem dor e lágrimas mas apenas um amor multiplicado como que até o êxtase.

O homem ridículo começava a comparar a sua Terra com essa onde se encontrava e percebia que a diferença era a relação com que as pessoas tinham com o significado do amor, o sentimento para com o próximo na sua Terra era de uma compaixão melancólica invocatória, que produzia muitas vezes uma dor insuportável, que no seu ódio pelos homens sempre estava contida a melancolia e seu coração só conseguia ama-los desse modo.

No desfecho do seu sonho, tem-se a exposição da perversão que o homem instaurou nessa Terra lívida, sendo o primeiro ímpeto o seu ensinamento à esses seres

do significado da mentira, o amor que todos começaram a ter por essa ação fez com que nascesse a volúpia, o ciúmes e a crueldade, dando início a acusações e censuras. Eles conheceram a vergonha, surgindo assim a virtude e a honra, culminando em alianças e divisões sociais. Com isso parte uma noção histórica do que aconteceu nesse lugar depois da instituição da mentira, perpassando uma cronologia dialética das consequências desse afeto até esta Terra lívida se transformar na nossa terra, que é pautada pelo individualismo, pela supressão dos sentimentos através das ciências, com seu aspecto frio e racional, reconfigurando a noção de amor para a compaixão dolorosa e melancólica, só existindo razão e beleza no sofrimento.

Ao amanhecer, o homem acorda e começa a refletir sobre seu sonho, sentindo que este devaneio o fez reanimar seu ser, carregando seu ânimo com uma enorme potência em viver, solapando seu niilismo e tendo como novo objetivo mostrar aos outros a verdade relacionada ao sentimento de amor perante a humanidade e a natureza, tendo como consequência de seus pensamentos a seguinte ideia a combater: “A consciência da vida é superior à vida, o conhecimento das leis da felicidade superior à felicidade”, é contra isso que a personagem precisa lutar e impulsionar a todos o sentimento de amor perante a existência.

Adentrando mais fortemente a ideia de Dostoievski em seu conto, cabe aqui uma análise sobre a questão niilista do homem ridículo e o que motivava esse sentimento que parecia estar arraigado em toda sua consciência. Vejo um grande traço de egoísmo e solipsismo na personagem, marcados pela influência burguesa e utilitária que era pautada por uma ciência estritamente racional e absoluta, fazendo com que o homem se tornasse neutro e indiferente perante a tudo que lhe tocasse com o sentimento, sua vida sem potência estava em amarras aracnídeas e um sufocamento constante fazia com que o homem tivesse perdido todas as esperanças, só lhe restava o martírio e a descrença.

Porém mesmo com esse forte domínio masoquista em sua consciência e sua razão estar imperando fortemente, há algo que escapa todas essas determinações categóricas, seu devir em afluência com o mundo e com a alteridade faz com que seu inconsciente seja tocado pelo contato com a menininha e sua causa trágica; ocorre que o lado spectral do homem cause uma virada de mesa perante todo seu ideal niilista, a compaixão o toca e metamorfoseia seus pensamentos, fazendo com que um sono profundo o domine e todo esse lado não visto apareça e ilumine toda sua mente, assim como o brilho da aurora faz com que as sombras sejam desveladas.

Todo esse lado psicológico nos faz remeter à Freud, porém com uma diferença, a superação do homem ridículo trouxe ao mesmo um preenchimento total em seu ser, dando a impressão de que não há mais falta e algo a superar em si mesmo, sua verdade foi encontrada e todas suas frustrações e traumas foram suprimidas e substituídas pela potência incessante de transpor à alteridade todo seu sentimento de amor, como forma de reconfigurar o niilismo para a potência em viver, não há mais este tipo sofrimento para o homem ridículo, ele se tornou possivelmente o super-homem de Nietzsche.

Apêndice

Esse apêndice tem como objeto expor os significados do termo niilismo para melhor compreensão desta pesquisa, com o auxílio do artigo intitulado *Dostoiévski, Nietzsche e o niilismo ocidental*, escrito por Luana Mara Diogo; partindo desde a definição etimológica do termo até as concepções filosóficas de Nietzsche, concomitantemente à literatura do escritor russo Fiódor Dostoiévski.

Etimologicamente, niilismo vem da palavra “nihil”, que significa “nada”. É o

pensamento que possui a centralidade no nada. Porém o niilismo transpassa essa caracterização, sendo de grande importância adentrarmos na filosofia e na literatura para obtermos os conteúdos necessários que escapam a essa simples definição.

Ao observarmos um dos fragmentos de Nietzsche em *o nascimento da tragédia*, vemos que desde a mitologia grega, como, por exemplo, em Sileno, tem-se nuances do niilismo:

“Não te afastes daqui sem primeiro ouvir que a sabedoria popular dos gregos tem a contar sobre essa mesma vida que se estende diante de ti como tão inexplicável serenidade. Reza a antiga lenda que o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir capturá-lo, o sábio SILENO, companheiro de Dionísio. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era melhor e a mais preferível para o homem. Obstinado e imóvel, o demônio calava-se; Até que, forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: - Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer” (NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, p.36).

Temos na Rússia, através da literatura de Ivan Turguniev, contemporâneo de Dostoiévski, a exposição do termo niilismo através de seu romance *Pais e filhos*, mostrando o embate entre a geração tradicional russa e os rebeldes atuantes, sendo estes, marcado pelo personagem Bazarov, um jovem niilista. Todavia, sabe-se que na própria Rússia, antes mesmo de Turguniev, o termo niilismo rondava entre os jornais e revistas da época.

Santo Agostinho em seus escritos no Medievo, colocava a palavra niilista para apontar aqueles que não criam em Deus. Na cultura francesa, aqueles que tinham um papel neutro em relação a revolução, não se mostrando nem a favor nem contra a mesma, eram caracterizados como niilistas.

Em meio a essas informações, constata-se a amplitude do termo e que não se limita a um período ou um país europeu. Para entendermos toda essa gama de valores aplicados ao niilismo, temos de ter uma concepção histórica, pois esta expressão esteve

presente em vários momentos na vida dos homens.

Na modernidade, os maiores teorizadores do niilismo são Dostoiévski e Nietzsche. Segundo o filósofo Franco Volpi, em seu livro, *O niilismo*, a conceitualização do escritor russo é colocada como literária e a do alemão como filosófica, porém existe uma confluência entre a teorização desses autores. Temos Nietzsche como um filósofo apaixonado pela literatura, e por Dostoiévski, e um literato conhecedor da filosofia, que utilizava seus romances e novelas para critica-la e formular novos conceitos, que influenciaram posteriormente, Freud na psicanálise e Mikhail Bakhtin na linguística.

Observa-se que o “nada” no homem moderno toma variadas formas. Temos em Nietzsche, através de sua *Genealogia da Moral*, a afirmativa referente ao que era primeiramente uma vontade de nada passar a ser um nada de vontade. Assim o niilismo se encontra de diversas maneiras, positivas e negativas, que são conceitualizadas por Nietzsche do seguinte modo:

“Enquanto processo de declínio, o niilismo é pensado por Nietzsche na perspectiva da radicalização. Esse processo é constituído basicamente por três momentos: 1) niilismo incompleto, 2) niilismo completo (em sua manifestação enquanto niilismo ativo e passivo) e 3) niilismo radical ou extremo” (Araldi, *Niilismo, criação, aniquilamento – Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p.110). O niilismo incompleto seria aquele que ainda tenta suplantar o niilismo sem buscar sua superação. Já o niilismo completo, aceita o esvaziamento, mas se desdobra em ativo e passivo. O niilismo ativo possui força para destruir enquanto o passivo aspira ao nada.

Já em Dostoiévski, esse sentimento aparece constantemente nos personagens ditos intelectuais. Os conhecimentos adquiridos por esses homens fez com que tivessem uma descrença total perante o mundo e sua moral-cristã. A exemplo de Kirillov na obra *Os Demônios*, temos uma personagem que se identifica nos termos citados acima; em seu completo niilismo, a crença na descrença até o martírio por ela, compactua em seu próprio suicídio.

Tomando o contexto histórico da modernidade como período transitório ao

medieval, temos como pano de fundo a queda da metafísica como princípio regulador dos valores perante a ascensão científica e tecnológica. Vemos que Nietzsche e Dostoiévski vivendo nessa época, trabalharam esse termo em suas obras com uma força de análise a frente de seu tempo, expondo como o niilismo afetou o consciente e o inconsciente dos homens modernos.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, DANTE *A DIVINA COMÉDIA*. Trad: Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2016.

DIOGO, Luana Mara. DOSTOIÉVSKI, NIETZSCHE E O NIILISMO OCIDENTAL. **REVISTA SEARA FILOSÓFICA**, Pelotas, v. 1, n. 14, p. 137-152, Inverno/2017.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR *Crime e Castigo*. Trad: Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2013.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR *Dois narrativas fantásticas A dócil e o Sonho de um homem ridículo*. Trad: Vadim Nikitin. São Paulo: editora 34, setembro de 2017.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR *O Jogador*. Trad: Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2012.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR *Os Demônios*. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, dezembro de 2013.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR *Os Irmãos Karamázov*. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2012.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR *Memórias do Subsolo*. Trad: Irineu Franco Perpetuo. São Paulo: Mediafashion, 2016.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR, *Uma história desagradável*. Trad: Priscila Marques. São Paulo: editora 34, agosto de 2016.

DOSTOIÉVSKI, FIÓDOR *Um pequeno Herói*. Trad: Fátima Bianchi. São Paulo: editora 34, maio de 2015.

FREUD, SIGMUND *O mal-estar na civilização*. Trad: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: editora Imago, 1974.

HEGEL, FRIEDRICH *Filosofia da História*. Trad: Maria Rodrigues. Brasília: Editora UnB, 1998.

NIETZSCHE, FRIEDRICH *A Gaia Ciência*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.

NIETZSCHE, FRIEDRICH *Assim falou Zaratustra*. Trad: Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

NIETZSCHE, FRIEDRICH *Aurora*. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: companhia de bolso, 2016.

NIETZSCHE, FRIEDRICH *O Anticristo*. Trad: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2002.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jun./2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/24566486/Dostoiévski_e_Nietzsche_anotações_em_torno_d_o_homem_do_ressentimento_>. Acesso em: 5 ago. 2018.

VASSOLER, FLÁVIO *Dostoiévski e a dialética fetichismo da forma, utopia como conteúdo*. São Paulo: editora Hedra, 2018.